

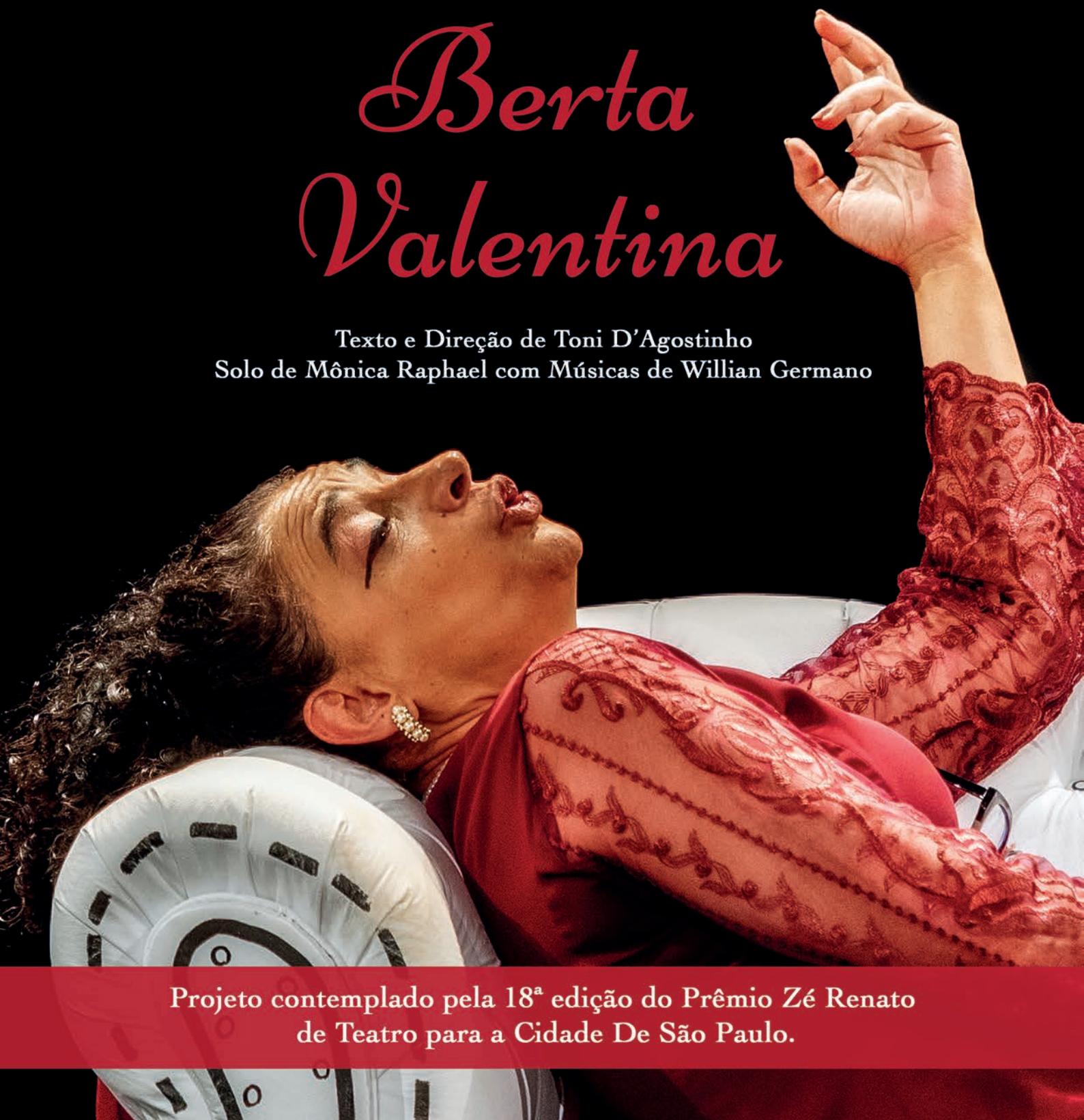


Projeto Prazo de Validade:
Ensaios sobre Memória, Etarismo e Envelhecimento

O Grande Lapso de

*Berta
Valentina*

Texto e Direção de Toni D'Agostinho
Solo de Mônica Raphael com Músicas de Willian Germano



Projeto contemplado pela 18ª edição do Prêmio Zé Renato
de Teatro para a Cidade De São Paulo.

O que o público espera de mim após esta noite?

Sabendo que realizei mil apresentações, mas não estarei viva para realizar mais mil. Esperam que eu morra no auge, que eu sirva de modelo pedagógico do sucesso – sem a inevitável decadência? Quão conveniente ao público seria, se eu morresse logo ao fechar das cortinas, se saísse da vida como quem sai de cena. Pois talvez eles tenham medo, pavor, de ver Berta Valentina envelhecendo e definhando em frente aos milhões de olhares que julgam a firmeza da minha pele a cada respiração... a morte de um ícone tem dessas coisas: lembra a todos que a vida é finita... e se até a estrela que mais brilha foi apagada pelo mero correr do tempo, o que dizer daqueles cujo brilho não passou da opaca aventura de se embebedar durante os finais de semana, que quebram a rotina indelével entre o trabalho e a casa. O que eles querem mais de mim?



O Grande Lapso de *Berta* *Valentina*



O Teatro Cartum é um grupo teatral, cuja identidade estética passa pela integração artística: o diálogo entre a linguagem do humor gráfico e a das artes cênicas. **O Grande Lapso de Berta Valentina**, solo de Mônica Raphael e músicas de Willian Germano, faz parte do projeto Prazo de Validade: ensaios sobre envelhecimento, memória e etarismo, que foi contemplado pela 18ª edição do Prêmio Zé Renato de Teatro para a Cidade de São Paulo, pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. A dramaturgia, concebida por Toni D'Agostinho, apresenta ao público, com o humor e lirismo de sua protagonista, questões acerca do envelhecimento, memória e etarismo. Após temporada com 24 apresentações e participação da Programação da Pessoa Idosa no Sesc Santos, a produção inicia a circulação 2025 a fim de levar a discussão sobre envelhecimento – tema que integra a pauta das mentalidades e instituições preocupadas com o amplo exercício da cidadania.



Ficamos à disposição para mais informações.

Atenciosamente,
Toni D'Agostinho - Artista e Sociólogo
www.teatrocourtum.com.br
Instagram: @teatrocourtum
teatrocourtum@gmail.com
Tel./Whatsapp: 11 99255-5737

Sinopse

O enredo conta as angústias de uma atriz veterana, que, na milésima apresentação do mesmo espetáculo, na noite mesma em que será premiada pelo conjunto de sua obra, esquece todo o texto, esquece do que trata a peça, esquece, a bem da verdade, de aspectos de sua própria identidade. Começa então a investigação por entre lembranças, que passam em revista, ante os olhos do público, uma trajetória de vida em face ao mundo que se transforma e deixa de existir – eis a ideia central da dramaturgia: antes da morte do indivíduo há uma morte precedente mais trágica: a morte do mundo que o cerca e que dá significado à sua existência.



O Grande **Lapso** foi precursor desses dias que vivemos...

Só um acontecimento socialmente relevante é capaz de migrar da ação individual, de uma mulher, para a memória coletiva da nação... eu creio que isso é o mais próximo que alguém pode chegar da imortalidade.



Proposta de Encenação

A proposta de encenação d'*O Grande Lapso de Berta Valentina* prima pela manutenção dos focos de atenção gerados pelo contraste entre as dimensões, de polaridades opostas, da memória e do esquecimento, da angústia e do humor. Tal manutenção é de suma importância em monólogos, já que a relação entre protagonista e plateia é constante, não reiterada e, por conseguinte, não revalorizada pela entrada, em cena, de outras personagens. Há no texto uma evidente exploração da metalinguagem, na medida em que o mesmo universo cênico é chamado à baila como arena da ação. O metateatro é um recurso que convida ao palco o próprio teatro, seus signos e seu Ethos; além de pertencer à tradição que, no Brasil, tem como ícone primeiro Oswald de Andrade em seu *O Rei da Vela*, está presente em textos como *Sonhos de uma Noite de Verão*, de William Shakespeare, *Seis Personagens à Procura de um Autor*, de Luigi Pirandello, entre tantos outros. A encenação é inspirada nessa forma de estrutura dramatúrgica para emular o movimento de *Eterno Retorno* e apresentar em cena o processo de busca da memória pela memória e as angústias de uma personagem que não pode reaver o que um dia foi. Os ensaios foram conduzidos a partir das crises maiores para as menores, em que se objetiva a totalidade do gesto cênico para, depois, distribuí-lo, adequadamente, nos gestos secundários. Como exemplo do método, iniciaremos todos os exercícios pela última cena – que, em dramaturgia, é denominada cena de crise. É a partir dela que se obtém a ideia central em sua plenitude; uma vez consciente desse elemento fundante de todo o espetáculo, a atriz desenvolve maior consciência do inventário de gestos, intenções e possibilidades de performance que concernem, e conferem maior expressão, à construção da personagem.

Inspirados pelas ponderações sobre o teatro físico de Jacques Lecoq, presentes em *O Corpo Poético – uma pedagogia da criação teatral*, criamos a estetização do gestual, como verdadeira partitura do corpo; pretendemos, com isso, criar uma identidade idiossincrática que fundamenta a personagem, cuja vida inteira, como explica a dramaturgia, foi pautada pela estética e, sob a óptica de Nietzsche, transformou a própria vida em obra de arte. Em cena, temos uma atriz que interpreta uma existência levando sempre em consideração fases etárias distintas, numa trajetória de vida que deve fazer saltar aos olhos da plateia a noção de amadurecimento de uma vida, não só na expressão corporal, mas também nas potências que animam o corpo. Dessa maneira, a encenação explora a dinâmica de uma interpretação de dualidades: a satírica, sumamente racional, naquilo que toca a dimensão coletiva; a trágica, que flerta com o catártico, quando abordamos as questões da memória individual.



A Dramaturgia se apresenta com a intenção de fazer com que o público entre em contato com suas próprias trajetórias de vida e identidades sociais. Por isso, faz uso da metáfora como se fosse um dado da realidade cotidiana; assim, fatos dramáticos, como a diminuição física do teatro, apesar de percebidos, causam, para a personagem, incômodo mais pelo número diminuto do público do que pela verossimilhança; de fato, a estranheza deve ser percebida, sobremaneira, pelos espectadores como um aspecto de linguagem, um gesto expressionista que se aproxima do universo fabular. Continuando os trabalhos de pesquisa do Teatro Cartum e seu constante diálogo entre teatro e artes visuais, a encenação trabalha com projeções de cartazes de espetáculos antigos e retratos de atrizes veteranas que habitam o Palacete dos Artistas em São Paulo; testemunhos dessas artistas, que fazem parte da memória do teatro nacional, também surgem, mesclando-se às falas de Berta Valentina, rompendo as fronteiras entre realidade e ficção na construção de uma performance que revive e ressignifica memórias.

A música, originalmente composta para a montagem, é executada ao vivo por um ator / violonista. Essa trilha sonora viva marca a transição de cenas e diferentes períodos na trajetória de vida da personagem, potencializando os tópicos narrativos do enredo e criando a atmosfera específica que a direção procura.





Dramaturgia

Aos vinte anos, quando entrei no *Seminário de Dramaturgia do Arena*, escrevi meu primeiro texto: *Lapso*. Jamais poderia imaginar que dedicaria, no mesmo núcleo, 15 anos ininterruptos de minha vida ao estudo da escrita para o teatro – sempre orientado pelo saudoso mestre Chico de Assis. O enredo contava as desventuras de um ator que, na milésima apresentação do mesmo espetáculo, esquecia completamente o texto e do que se tratava a peça. À época, estaria na conta das Comédias Ligeiras, que têm por característica a impossibilidade de verticalização dos conteúdos, pois a sucessão de fatos cômicos se dá em de maneira superabundante – o que contempla o objetivo primeiro da estrutura: provocar o riso oriundo da comicidade. Por ser construída, naquela primeira versão, em tal estrutura, o texto não continha a vocação para verticalizar a ponto de tocar em questões realmente relevantes à problemática da memória como elemento fundante da individualidade e dinâmicas sociais coletivas. Faltava ao jovem dramaturgo uma certa maturidade e experiência, que, mesmo tomado pela mais ousada intenção, seriam elementos essenciais a qualquer artista que queira versar sobre o universo da memória e seu emaranhado de individualidade e coletividade. Por certo, *Lapso* seria um texto destinado às gavetas.

Quase trinta anos depois, a partir de conversa com a atriz Mônica Raphael, decidimos retomar o mesmo argumento do dramaturgo neófito, mas, desta feita, com certa experiência de um artista no fim da meia-idade, que já conviveu com alegrias, perdas, realizações e mortes num país que luta para não deixar a memória de tempos obscuros desaparecer. A protagonista feminina Berta Valentina tomou o lugar do personagem do velho ator, da primeira versão, e criou a oportunidade de convidar ao palco as angústias de uma nova dimensão, pois as questões do envelhecimento, na esfera social, ocorrem, em gênero, de maneiras injustamente distintas. A construção do humor nessa segunda versão do texto utiliza os preceitos da poética de Luigi Pirandello: o riso cômico é provocado no público como intenção de um primeiro momento de comunicação; no imediato segundo momento, um gesto de humanização da personagem faz com que esse referido riso dê lugar ao sorriso de consternação, pois identificamos na protagonista a angústia dos efeitos do tempo que passa e deixa sua marca indelével no ser, operando, assim, no trágico da existência – conceito recorrentemente explorado por pensadores como Kierkegaard, Freud, Nietzsche, Kant, Hannah Arendt, Schopenhauer, entre outros, no choque dialético entre a busca infinita das potências humanas e a finitude da vida.

N'*O Grande Lapso de Berta Valentina*, o espaço físico é, ao mesmo tempo, concreto pelo enredo e fabular pela linguagem; parte do teatro e ao teatro retorna, como numa peripécia de Sófocles, como personagem em busca de si mesma, afastada pelo esquecimento, mas que a memória guarda em algum canto obscuro do ser. Sempre que falamos em metalinguagem, exercitamos a busca da coisa pela coisa, do ser pelo ser num sistema em constante autorreferência. A protagonista passeia pela ação central promovendo a urdidura entre o trágico e o cômico num sistema concebido para renovação de forças na medida em que há câmbio de linguagens. Berta Valentina está no ápice de sua carreira; vivencia, ao mesmo tempo, as glórias de sua trajetória e a perspectiva da decadência inevitável. Eis o conflito essencial que, aliado ao esquecimento, criam um canal empático entre palco e plateia. Abandona-se o realismo na medida em que a dramaturgia faz uso da metáfora do teatro que diminui de tamanho constantemente, como uma alegoria para o estreitamento das potências que ladeiam os momentos finais da existência – estes são expressos na ideia central do texto: o trágico não é a morte do indivíduo, mas uma lenta morte que acontece antes, a morte de todo um mundo concreto e de significados que o rodeia.

Toni D'Agostinho

Música

Ao pensar a trilha musical para um espetáculo que fala de finitude e memória, não podemos deixar de considerar esses assuntos em relação às sonoridades que serão propostas para a pesquisa da composição; levando-se em conta que será executada ao vivo, por um violonista cantor, apontamos possibilidades que sejam violonísticas e contemplem também a voz (em especial vocalizes mais do que canções). Composições como a Valsa Choro 1 de M. Camargo Guarnieri e as músicas melancólicas do repertório do movimento “Nueva Trova Cubana”, movimento de 1967, que contou, dentre outros, com compositores consagrados como Silvio Rodriguez, Leo Brower e Pablo Milanes, servirão como ponto de partida para a composição da trilha de *O Grande Lapso de Berta Valentina*.

Além disso, para que a trilha faça o bom diálogo musical com o que é encenado, tendo em vista o conteúdo tratado no texto – como memória, envelhecimento, vida e morte - há a necessidade de pesquisa de estéticas que gerem o estranhamento das sonoridades no público, como o atonalismo e arritmia musical, numa intenção de levar o espectador a sentir, algumas vezes, que o músico está esquecendo a música que está executando; que lhe dói executar; que chega à alegria, mas, ainda assim, executa a música como morre. Pretendemos, com isso, que a poesia musical se expresse conversando com a ação proposta pela encenação.

Willian Germano



Natalia Negretti para Folha de São Paulo

*Natalia Negretti faz assessoria em antropologia e gerontologia neste projeto, além de coordenar o ciclo de encontros Envelhecendo em Cena.

MENU ASSINE

FOLHA DE S.PAULO

opinião > colunas e blogs tendências/Debates o que a folha pensa ombudsman charges opiniões da folha painel do leitor

Oferta Especial: R\$1,90 no 1º mês

ASSINE A FOLHA

OPINIÃO - NATALIA NEGRETTI

Antietarismo é questão para todas as gerações

Há de se observar ambivalências e complexidades

F G+ T X D M

Natalia Negretti
Antropóloga, é mestra em ciências sociais, especialista em gerontologia e doutoranda em ciências sociais pela área de estudos de gênero na Unicamp

Em março deste ano, a circulação de um vídeo nas redes sociais mostrou uma prática etarista e gerou muitos comentários condenando o comportamento de estudantes de uma universidade do interior paulista. Um "susto" com o etarismo desse caso revelou articulações e diálogos acerca de gênero, raça, educação e, entre outros, significações de juventudes e de velhices.

No vídeo e nos comentários, etarismos ficaram evidentes. O tema tem um assoalho de disputa entre memória e esquecimento nas articulações de combate a violências de gênero e contra a pessoa idosa.

Etarismo é um termo variante do termo em inglês "ageism", referenciado pelo médico estadunidense Robert Neil Butler em 1969. O contexto que antecedeu o artigo científico de Butler foi um conflituoso processo em torno de moradia pública para, como destacou Andrew Achenbaum, pessoas idosas pobres, incluindo afro-americanas. Desse modo, em "Age-Ism: Another Form of Bigotry", Butler atentou quanto a classe, cor e idade como parte da estrutura das comunidades americanas.



Ficha Técnica

Direção, Dramaturgia, Cenário e Ilustrações: Toni D' Agostinho

Atuação: Mônica Raphael

Composição e Execução Musical: Willian Germano

Figurinos: Ruth Melchior

Costureira: Salete Paiva e Diva Atelier de Costura

Luz: Reynaldo Thomaz

Direção de Filmagem dos depoimentos: Letícia Negretti

Assessoria em antropologia, gerontologia, pesquisadora: Natalia Negretti

Fotografia de divulgação: Betânia Betcher - Espaço Betcher

Fotografia do espetáculo: André Bicudo e Nara Ferriani Veras

Filmagem do espetáculo: Fv Filmes - Nara Ferriani Veras

Atrizes convidadas (depoimentos): Eliná Coronado e Valéria Di Pietro

Produção e Realização: Teatro Cartum

Contemplado com o Prêmio Zé Renato, São Paulo Capital da Cultura e
Prefeitura da Cidade de São Paulo.

Círculo de Encontros Envelhecendo em Cena

O Círculo de Encontros *Envelhecimento em Cena*, coordenado pela antropóloga Natalia Negretti, tem como proposta fomentar discussões presentes no projeto *Prazo de Validade: Ensaios sobre Memória, Etarismo e Envelhecimento* – do Teatro Cartum, contemplado pela 18ª edição do Prêmio Zé Renato de Teatro para a cidade de São Paulo. Ao procurar uma aproximação entre tais debates com o campo teatral e cultural, o círculo se constitui como um exercício reflexivo múltiplo. Ao mesmo tempo em que busca colocar em cena essas temáticas, o conjunto de encontros atravessa coletividades, pessoas e trajetórias e valoriza focos sociais importantes, tais como direitos, cidadania e relações entre gerações.

Acompanhando a atividade, há exposição com dez cartuns Antietaristas, de autoria do cartunista, escritor e sociólogo Toni D'Agostinho, especialmente criados para o projeto.



Cartuns Antietaristas

Abaixo, alguns dos cartuns da série criada por Toni D'Agostinho.



Clipping

voz São Paulo

ENTRAR | BUSCAR

CULTURA | CIDADES | COMER & BEBER | COLUMNISTAS

NA PLATEIA

Indicações do que assistir no teatro (musicals, comédia, dança, etc.)

Cultura & Lazer

Mônica Raphael estreia solo em 'O Grande Lapso de Berta Valentina'

Espetáculo aborda memória e envelhecimento com humor e lirismo no Amadododito Cia Teatral

Por Daniela Marinho
2-dez-2014, 10h00

Mônica Raphael como Berta Valentina (João Valério/Divulgação)

Em *O Grande Lapso de Berta Valentina*, Mônica Raphael (foto) vive uma atriz veterana que, em sua milésima apresentação, enfrenta o esquecimento do texto e de sua própria identidade, provocando uma profunda reflexão sobre memória e envelhecimento.

O espetáculo utiliza humor e lirismo para abordar a fragilidade da

TURISMO Santos

03 DEC **O Grande Lapso de Berta Valentina**

Tags: TEATRO | SESC SANTOS | 60+

Detalhes do Evento

SESC Santos
Rua Conselheiro Ribas, 136 - Aparecida

GAZETA DE S. PAULO

Domingo, 22 Dezembro 2024

ENTRETENIMENTO ÚLTIMAS NOTÍCIAS COTIDIANO POLÍTICA ECONOMIA ESPORTES AUTOMOTOR WEBSTOR

Home > Entretenimento

São Paulo recebe peça gratuita que investiga os campos da memória e do envelhecimento

'O Grande Lasso de Berta Valentina', estrelado por Mônica Raphael, ficará em cartaz no Bom Retiro até quarta-feira

 Mariana Ribeiro
28/11/2024 às 14:30

Compartilhe:    



'O Grande Lasso de Berta Valentina' é estrelado por Mônica Raphael | FVfilmes/Divulgação

O Galpão Amado, da Cia. Teatral Amadododito, na região do Bom Retiro, em São Paulo, será palco do espetáculo "O Grande Lasso de Berta Valentina", do Teatro Cartum, até quarta-feira (4/12).

pessoas idosas / teatro

O GRANDE LAPSO DE BERTA VALENTINA

3/12
Terça . 15h



 **sescsantos** • Seguir
Sesc Santos

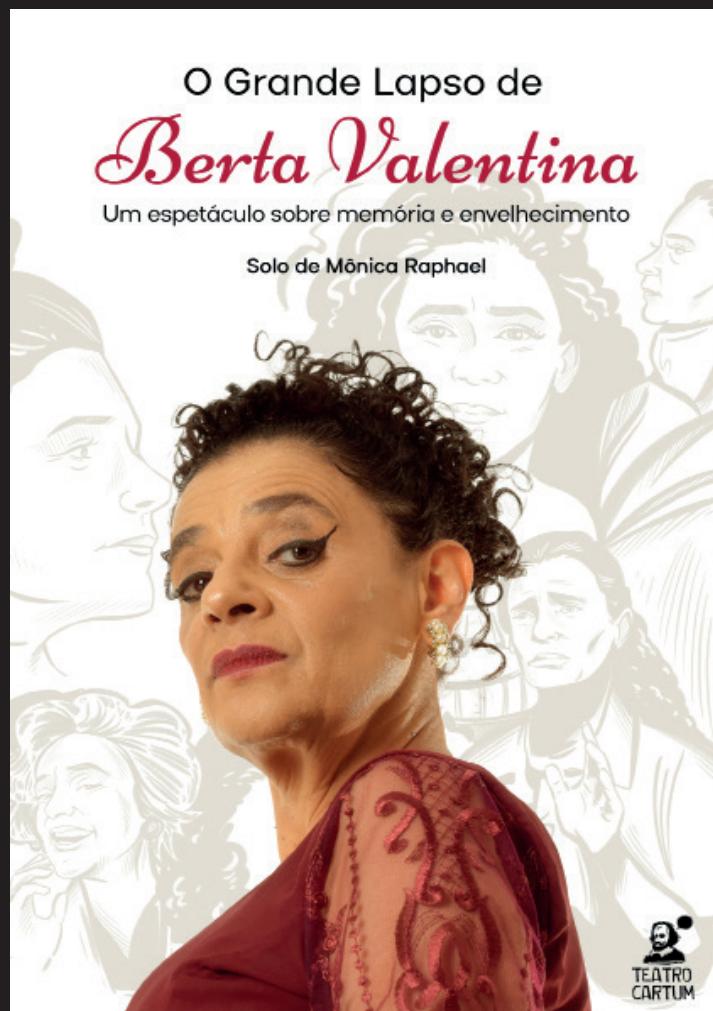
sescsantos EU VIM COM A NAÇÃO ZUMBI! Um dos maiores nomes da música brasileira puxa o bonde dos nossos destaques artísticos para dezembro: quer maneira melhor de fechar 2024 em grande estilo??

Mas além deles que reúnem vários estilos sonoros em uma só banda, preparamos um cardápio que também contempla a variedade de expressões da música nacional:

Desde a nossa 'prata da casa' que é o @ChoroDeBolso; passando pelas @Exausta_Samba e @SambadasMoca (com reverências a divas desse gênero que é símbolo maior do Brasil) e até o hrená

  
Curtido por aro.ribeiroo e outras pessoas
1 de dezembro

 Adicione um comentário... 



12

O Grande Lapso de

Berta Valentina

Um espetáculo sobre
memória e envelhecimento

Solo de Mônica Raphael
Diretor e Dramaturgo: Toni D'Agostinho
Compositor Musical: Willian Germano
Diretora de Filmagem: Letícia Negrelli
Produtora: Vanda Dantas

De 15/10 a 29/10
Terças e Quartas às 20h
Espaço Parlapatões
Praça Roosevelt, 158
Consolação - SP

APOIO: GESTÃO: REALIZAÇÃO:

12

O Grande Lapso de

Berta Valentina

Um espetáculo sobre
memória e envelhecimento

Solo de Mônica Raphael
Diretor e Dramaturgo: Toni D'Agostinho
Compositor Musical: Willian Germano
Diretora de Filmagem: Letícia Negrelli
Produtora: Vanda Dantas

De 03/10 a 05/10 - às 19h
Galeria Olido
Av. São João, 473 - SP

APOIO: GESTÃO: REALIZAÇÃO:



Desde sua criação, em 2016, o Teatro Cartum tem por objetivo estudar as possíveis relações entre o Humor Gráfico e o Teatro. A busca por tal integração motivou um fazer artístico que transita entre o dinâmico do palco e a série de instantes congelados das histórias em quadrinhos. Assim, surgiu uma releitura da obra de Machado de Assis, *O Alienista* (contado pelos barbeiros), que cumpriu temporada no Espaço Parlapatões, participou das Satyrianas 2016 e 2017, além de integrar o projeto Teatro nas Bibliotecas - da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

O segundo espetáculo da Cia. A Peleja do Conta Gotas ofereceu a oportunidade de desenvolvimento estético e verticalização das relações entre artes cênicas e gráficas, enquanto apresentava esse estudo ao público infantil; participou das Satyrianas 2018, temporada nos Espaço Parlapatões, Mostra Motij - Movimento de Teatro para Infância e Juventude, na Biblioteca Monteiro Lobato e integrou a programação da exposição Quadrinhos do MIS - Museu da Imagem e do Som, projeto Biblioteca Viva da Secretaria Municipal de Cultura, temporada no Sesc Belenzinho (além de diversas outras unidades do Sesc) e Centro Cultural São Paulo.

O Espetáculo Uma Pitada de Pitágoras (ou Um Punhado de Farinha) estreou no Sesc Pinheiros com o objetivo de levar à cena uma homenagem aos clássicos do humor e números emblemáticos da palhaçaria para contar como a cultura popular e erudita se encontram nas ações do dia a dia. Posteriormente, a montagem entraria em circulação com o projeto Circuito Cultural da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

No início de 2020, o Teatro Cartum estreou, no teatro do Espaço Parlapatões, seu novo espetáculo adulto *Nosferatu* – liberal na economia, conservador nos costumes. A concepção promove a integração entre as linguagens do teatro, quadrinhos e cinema, sob a égide do expressionismo, para criticar a onda de autoritarismo que o mundo atravessa. Infelizmente, a temporada foi interrompida pela pandemia de COVID-19.

Em um cenário de distanciamento social – o que inviabilizou o teatro com plateia -, o núcleo criou o projeto *Contos Ilustrados*, que capta em vídeo narrativas acompanhadas por ilustrações concebidas enquanto o enredo acontece. A série com 12 episódios *Stories* do Teatro permaneceu por três meses em cartaz nas redes sociais do Sesc.

A volta aos palcos, no pós-pandemia em 2022, deu-se com a montagem de *A Cor que Ninguém Conhecia*, em temporada de dez apresentações, no Sesc Pinheiros. Em 2023 esse espetáculo comemorou 25 anos de dramaturgia em temporada no Sesc Belenzinho.

Contemplado pela 18ª edição do Prêmio Zé Renato de Fomento ao Teatro, com a proposta *Prazo de Validade*: ensaios sobre memória, etarismo e envelhecimento, o Teatro Cartum prepara, em 2024, a montagem do espetáculo *O Grande Lapso de Berta Valentina*. Faz parte do projeto, além de outras ações, o ciclo de encontros *Envelhecendo em Cena*, que recebe, em quatro encontros, especialistas para debate sobre o tema. Além disso, circula com seu repertório em teatros, Sescs, projetos do poder público e outras instituições.

Toni D'Agostinho

Sociólogo, Dramaturgo, Diretor e Cartunista

É dramaturgo e diretor teatral, formado pela Fundação das Artes de São Caetano do Sul, cartunista e sociólogo graduado pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo; mestre em Ciências Sociais pela PUCSP. Por 15 anos fez parte do Seminário de Dramaturgia do Arena, coordenado por Chico de Assis. É professor convidado da pós-Graduação na FESPSP, onde ministra no curso Estudos Brasileiros: educação, sociedade e cultura, a disciplina Arte, cultura e identidade no Brasil.

Como Dramaturgo e Diretor: O Alienista (contado pelos barbeiros), A Peleja do Conta Gotas, Uma Pitada de Pitágoras (ou Um Punhado de Farinha), A Cor que Ninguém Conhecia, Nosferatu – liberal na economia, conservador nos costumes e O Grande Lapso de Berta Valentina, todas integrantes do repertório do grupo Teatro Cartum; Insanus S.A., sob direção de Chico de Assis e encenação própria. Roteirizou os vídeos animados Letras Negras (biografias e obras de Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis) para a Secretaria de Cultura do Município de São Paulo. Destaque, ainda, para adaptação de textos de autores Latino-americanos (Miguel Ángel Asturias, Jorge Luis Borges e Carlos Fuentes) para projeto no Sesc Pinheiros.

Como Cartunista, é colaborador das principais editoras do país; publicou caricaturas e ilustrações nos jornais Folha de São Paulo, Estadão, Valor Econômico e Metro; fez uma série com 10 tiras em quadrinhos para o Instituto Sou da Paz, abordando a falta de resposta do Estado aos crimes à vida; ilustrou os vídeos animados Letras Negras (biografias e obras de Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis) para a Secretaria de Cultura do Município de São Paulo; fez caricaturas para o programa Show Do Tom da Rede Record, Raul Gil da Rede Bandeirantes e Todo Seu da Rede Gazeta; participou do projeto Memorial CCSP 40 anos!, caricaturando os espetáculos das primeiras programações de teatro do Centro Cultural São Paulo; em 2018 foi convidado a participar da Comissão de Análise de Projetos do ProAC HQ pela Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo; no mesmo ano, integrou a comissão avaliadora de projetos do programa de Fomentos às Artes HQ a convite da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo; Para o Sesc, ilustrou a série de 10 vídeos animados sobre a História do Teatro; sua obra como chargista político é amplamente divulgada pelas redes sociais e utilizada em vestibulares e livros didáticos em todo o país.

Livros Publicados: 50 Razões Para Rir - Editora Noovha América; Edgar Allan Poe Para Pequenos - B4 Editores; Sketchbook Toni D'Agostinho - Editora Criativo; Os Gatos da Santa Casa - Editora Criativo; O Alienista, adaptação para Quadrinhos a partir da obra de Machado de Assis – Editora Le Chat; (adotado pelo Ministério da Cultura no PNLD); Machado de Assis para Pequenos – Editora Le Chat (adotado pelo Ministério da Cultura no PNLD).

Premiações: Melhor Ator Coadjuvante, O Homem de la Mancha, no festival de teatro do Colégio Arquidiocesano; Melhor Ator, O Inspetor Geral, pelo curso de habilitação profissional para ator, na Fundarte; Melhor Ator, Insanus S/A, no I festival de Monólogos de Campinas; Melhor Espetáculo (segundo lugar), Insanus S/A, no I Festival de Monólogos de Campinas; Melhor Texto (indicação), Insanus S/A, no I Festival de Monólogos de Campinas; HQMIX 2009 melhor publicação de caricaturas (50 Razões Para Rir); Award Of Excellence 2015 - SOCIETY FOR NEWS DESIGN pelo trabalho publicado na Folha de São Paulo (A Solidão de Dilma e o Fantasma de Aécio); ARTIGO 19 e Coalizão Negra por Direitos - Cartum Giz de Cera Cor da Pele.

Mônica Raphael

Atriz, Produtora e Educadora

Formada pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo - SP e Universidade São Judas Tadeu - SP Artes Cênicas. Atriz e Co-Fundadora da Cia Ocamorana de Pesquisas teatrais com 20 anos de existência. Atriz e coordenação de produção. Principais projetos/espetáculos:

Chico de Assis - "O Tempo do Templo e o Tempo do Mundo" - Projeto contemplado na 36ª Edição Fomento ao teatro para Cidade de São Paulo.2021/2022.

" A Barragem de Santa Luzia" – Projeto contemplado- Produtora Independente - 6 ª edição Prêmio Zé Renato 2018.

"Coriolano" Peça baseada nos textos de William Shakespeare e Bertold Brecht. Direção Márcio Boaro. Companhia Ocamorana. Teatro João Caetano de 15/03 a 08/04 de 2018. Teatro Arthur Azevedo. De 30/06 a 30/07/2017. Projeto contemplado na Edição Fomento ao teatro para Cidade de São Paulo. 2017. Projeto contemplado Prêmio Renato para cidade de São Paulo. 2018

"1924 – Revolução Esquecida" – Texto e direção de Márcio Boaro. Companhia Ocamorana. Teatros Alfredo Mesquita, Arthur Azevedo, Cacilda Becker e João Caetano. De 20/10 a 11/12/ 2016. Projeto de Pesquisa contemplado Fomento ao teatro para cidade de São Paulo.

"Três Movimentos" Centro Cultural São Paulo – De 11 a 13 de abril 2014. 2012/2013 Projeto de Pesquisa Fomento ao teatro para cidade de São Paulo. Funarte dezembro 2012. "Liberdade é Pouco" – Abril 2014 e dezembro 2013 – Texto Dorberto Carvalho direção Rudifran Pompeu. Contação de história e intervenções poéticas nos SESC Osasco, Interlagos, Pinheiros, Santos, Campo Limpo. Junho de 2013 a outubro de 2017.

"Ruptura". Texto e direção Márcio Boaro. Projeto de Pesquisa – Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo. Abril/2012 – Porto/Portugal e temporada Teatro Coletivo. Novembro/ dezembro de 2011. "Homens de Papel" texto de Plínio Marcos – direção Sérgio Audi 2010 – Teatro Coletivo. "A Guerra dos Caloteiros" Texto de Iná Camargo Costa e Márcio Boaro. Direção de Márcio Boaro.2008. Teatro Coletivo Fábrica São Paulo. Bela Vista. "Mulher a Vida Inteira" com as Atuadoras. Projeto contemplado prêmio Muniz 2008/2009. Direção: Renata Zanetta Só para mulheres 30 apresentações em 15 CÉUS, Presídio de São Paulo e Salvador, movimento de mulheres. 2007 a 2009.

Direção de produção da X Mostra Latina Americana de Teatro de grupos pela Cooperativa Paulista de teatro. Centro Cultural Vergueiro e CEUs. 2015. Gestora e sócia do Teatro Coletivo. 2009 a 2012 Co-autora e Co-produtora dos projetos: Projeto Escovar a história a Contrapelo 2008 – Cia. Ocamorana de Pesquisas Teatrais e Fundo Estadual de Arte e Cultura, Projeto Música Para Todos 1ª edição - 2009, 2ª edição - 2010 e 3ª edição – 2011 – Fundo Estadual de Arte e Cultura, Projeto de Formação do Teatro Coletivo – 2010 Fundo Estadual de Arte e Cultura, – ProAc ICMS, Projeto de Popularização do Circuito Cultural pelas Cias. Ocamorana e Coletivo Núcleo 2 – 2010 – ProAc ICMS.

Willian Germano

Ator e Músico

Integrou o núcleo de estudos A Dramaturgia do Ator, projeto Ação Dramática, sob coordenação de Chico de Assis, oferecido pela Secretaria Estadual de Cultura; participa do núcleo de dramaturgia da Escola de Sociologia e Política de São Paulo que estuda o repertório de Henrik Ibsen;

É formado (Grau Técnico) em violão erudito - com o Prof. Fabio Ramazzina - percepção, rítmica, harmonia e apreciação musical na Fundação das Artes de São Caetano do Sul;

Estudou Viola Caipira na EMESP-Tom Jobim, com João Paulo Amaral; violão, Guitarra e Contrabaixo com Elmer Stocco; Canto com Tato Ficher.

Experiência profissional:

Atua no espetáculo do Teatro Cartum - O Alienista (contado pelos barbeiros) - releitura da obra de Machado de Assis, com temporada no Espaço Parlapatões, Projeto Biblioteca Viva da Secretaria Municipal de Cultura e no festival Satyrianas;

Atua no espetáculo do Teatro Cartum - A Peleja do Conta Gotas - com texto e direção de Toni D'Agostinho e é compositor das trilhas sonoras das peças do Teatro Cartum;

Atuou na peça A Cor que Ninguém Conhecia - com temporada no Teatro Alfredo Mesquita, Sescs Vila Mariana, Pompeia, São Caetano do Sul, Carmo, Bauru, entre outros;

Atou no espetáculo O Último Herói - projeto HQ do Sesc Santo André;

Atuou no espetáculo A Incrível História do Homem Que Não Ria - Sesc São Caetano do Sul;

Atuou no espetáculo Os Dez Dias e o Caos - Teatro Augusta.

Natalia Negretti

Antropóloga, Pós-graduada em gerontologia e doutora em ciências sociais

Doutoranda em Ciências Sociais na Unicamp. Fez estágio doutoral na Universidade de Buenos Aires (UBA), pela Red de Macro Universidades de América Latina y el Caribe. Pós-graduada (Lato Sensu) em Gerontologia pela Faculdade de Educação em Ciências da Saúde do Hospital Alemão Oswaldo Cruz. Mestra em Ciências Sociais (PUCSP). Bacharela em Sociologia e Política pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Tem se dedicado, a partir da área antropológica, a pesquisas em torno dos temas velhices, memória, trajetórias de vida, população em situação de rua e instituições. Na área Gerontológica, além de trabalhar com tais temas, tem realizado atividades de extensão e educação por meio de projetos voltados à memória, envelhecimento, jardinagem, escrita e fotografia.

Letícia Negretti

Atriz, Dramaturga, Produtora e Poeta

Formada como atriz no curso profissionalizante da Teatro Escola Célia Helena. Bacharelado em Audiovisual pelo Centro Universitário Senac.

Como atriz, destaque para os espetáculos Coriolano, de Bertolt Brecht, dirigido por Márcio Boaro, pela Companhia Ocamorana, contemplado pelas leis de fomento e Prêmio Zé Renato - Circulação em 2017 e 2018, A Peleja do Conta Gotas, A Cor que Ninguém Conhecia, Nosferatu - Conservador nos Costumes e Liberal na Economia e Uma Pitada de Pitágoras - Um Punhado de Farinha (todos com texto e direção de Toni D'Agostinho, pelo Teatro Cartum, do qual é co-fundadora).

Fez parte do Coletivo Ato de Resistência onde trabalhou como atriz e assistente de direção no espetáculo AI-5, uma reconstituição cênica e como atriz e dramaturga no espetáculo Contra AI-5 - Mulheres em Luta.

Escreveu e atuou no espetáculo "Beberei Menos Se Me Amares Mais", dirigido por Nathalia Bonilha.

Publicou seu primeiro original de poesias em 2021, a obra "Beberei Menos Se Me Amares Mais", pela Editora Voz de Mulher.

